ISSN 2525-6904

ENTREVISTA

O peso do trabalho leve

O pensamento de Maria Ignez Silveira Paulilo sobre gênero, trabalho e mulheres rurais

Maria Ignez Silveira Paulilo, *Universidade Federal de Santa Catarina*

Miriam Pillar Grossi, *Universidade Federal de Santa Catarina*

Suzana Morelo Vergara Martins Costa, *Universidade Federal de Santa Catarina*

Laura de Araújo Nunes Esteves, *Universidade Federal de Santa Catarina*

#PraCegoVer: Na imagem, vemos Maria Ignez Silveira Paulilo de cabelos curtos e castanhos, usando brincos e uma regata com listras horizontais brancas e cinzas. Ela está posicionada diante de um fundo liso que destaca sua presença. O enquadramento foca na figura central, transmitindo reflexividade e atenção.

Apresentação

Esta entrevista com a Profa. Dra. Maria Ignez Paulilo foi realizada na quarta-feira, dia 23 de novembro de 2022, em seu apartamento no bairro Trindade, na cidade de Florianópolis. A entrevista fez parte do projeto de pesquisa do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC) sobre o papel que as mulheres tiveram na história e construção do curso de Ciências Sociais da UFSC em seus 50 anos de existência.

Maria Ignez Paulilo é uma das principais referências brasileiras sobre mulheres rurais, tendo iniciado pesquisas sobre o tema em seu mestrado em Sociologia intitulado *O Trabalho Da Mulher No Meio Rural*, defendido em 1976 na Universidade de São Paulo. Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela UNESP (1973) e doutora em Antropologia pelo Museu Nacional (1987), fez seu pós-doutorado na Inglaterra, *The London School of Economics and Political Science* (1996-1997). Foi professora das Universidades Federais de Campina Grande (1976-1979) e de Santa Catarina (a partir de 1979). Em sua longa trajetória acadêmica Maria Ignez tem uma vasta produção bibliográfica sobre mulheres camponesas e orientou dezenas de estudantes.

Trechos desta entrevista fazem parte dos documentários *Reposicionando o olhar: pioneiras nas Ciências Sociais da UFSC*[1] e *Bruxas contemporâneas: as sociólogas da Ilha da Magia*[2].

Miriam Grossi: Você foi uma das primeiras professoras do curso a chegar aqui em Santa Catarina. Como foi a tua chegada no curso de graduação em Ciências Sociais? Por que você escolheu vir para Florianópolis, para a UFSC?

Maria Ignez Paulilo: Eu sou paulista do interior. Me formei em Rio Claro/SP e fiz o mestrado em Piracicaba, no mesmo estado. Depois eu fui contratada pela Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba. Eu fui para lá para ajudar a montar o curso de pós-graduação. Eu já era

[1] REPOSICIONANDO o Olhar: Pioneiras nas Ciências Sociais da UFSC. Autoras: Suzana M. Vergara. M. Costa; Barbara M. Amorim; Miriam P. Grossi; Vitória da Silveira; Carmen B Heisecke Almeida; Evelin Neves. Florianópolis: Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades, 2023. (52 min.). Link de acesso: https://youtu.be/ZakKFsizu-0?si=3Zlm0F8BAs4GwVJH

[2] BRUXAS Contemporâneas as sociólogas da Ilha da Magia - UFSC. Coordenação de Barbara Michele Amorim, Miriam Pillar Grossi, Suzana Morelo Vergara Martins Costa, Carmen Beatriz Heisecke de Almeida, Adriana Eidt. Florianópolis: Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades, 2025. (15 min.). Link de acesso: https://youtu.be/0OWAr1jEyeU?si=ZY1mnbZCb3DmIEym

mestre em Sociologia Rural, lá encontrei o pessoal do Museu Nacional e foi uma experiência muito intensa. Eu estava lá trabalhando quando comecei a namorar meu marido. Ele era gaúcho e tinha loucura por Florianópolis e acabou me convencendo a vir para cá. Foi assim, acompanhando o marido, que vim para cá, de maneira bem tradicional.

Miriam Grossi: Conta um pouco como era o curso de ciências sociais nesse momento? Ele foi criado em 1972, então em 1979 ele só tinha sete anos. Estava bem no início. Como é que foi a sua primeira visão do curso de Ciências Sociais? Quem eram os estudantes? Como era o departamento?

Maria Ignez Paulilo: Eu conhecia pouco o sul do Brasil. Então, eu achei o curso muito diferente do de Campina Grande. Eu cheguei e esse curso de Ciências Sociais me pareceu muito parado: os alunos iam para aula e voltavam para casa. Eu não via muito movimento. E estava começando também a primeira turma da especialização em Ciências Sociais, que depois virou a pós-graduação, o Mestrado em Ciências Sociais.

Miriam Grossi: Você já tinha feito a sua formação, já tinha feito a graduação e o mestrado. Como foi a ida para o doutorado?

Maria Ignez Paulilo: Eu fiz a graduação de Ciências Sociais no que hoje é a UNESP, que está espalhada por todo o estado de São Paulo. Quando eu fiz o curso era um instituto isolado. Era a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Era uma graduação comprida porque era licenciatura junto com bacharelado. Quando as estudantes viram meu histórico escolar, deram risadas das matérias que a gente estudava: sociologia do consumo, sociologia do desenvolvimento... E o mestrado eu fiz na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em Piracicaba, que é muito antiga, uma das mais antigas do Brasil. Lá tinha um mestrado em Ciências Sociais Rurais dividido em duas áreas: Economia Rural e Sociologia Rural. Eu terminei a graduação, fui para esse mestrado de Sociologia Rural e fiz a dissertação lá, já sobre mulheres rurais.

Miriam Grossi: Conta um pouco para gente sobre esta tua primeira pesquisa com as mulheres rurais. Sabemos que este será o tema central de toda a tua carreira, te tornando a grande especialista neste campo no Brasil.

Maria Ignez Paulilo: Foi na região noroeste do estado de São Paulo que eu fiz a primeira pesquisa sobre as mulheres rurais. Era uma região

de plantação de café. No livro que eu publiquei[3], o primeiro artigo é sobre essa pesquisa. Quando eu vim para a UFSC, eu fiquei muito próxima da professora Zuleika Mussi Lenzi, que era pioneira em um monte de coisas. Então, logo depois que eu cheguei, nós já fizemos uma pesquisa de campo sobre agricultura de integração no Oeste de Santa Catarina, na região de Concórdia. Foi muito interessante.

Miriam Grossi: Pode explicar um pouco mais dessa agricultura de integração?

Maria Ignez Paulilo: A integração que a gente estudou na época, continua até hoje, mas teve muita modificação. Os produtores criavam porcos e aves e entregavam toda a produção à agroindústria, que fornecia todos os insumos. Por exemplo, quando eu fiz a pesquisa, os porcos eram criados desde o nascimento pela mesma pessoa. Depois se especializou. Tem gente especializada só em leitões, outros só em terminados... Desde a minha pesquisa muita coisa mudou. Também o aviário ficou cada vez mais mecanizado. Era assim: os produtores recebiam todos os insumos e entregavam o produto, mas se sentiam muito amarrados à empresa. Eles reclamavam disso: que a empresa impunha muito suas condições.

Miriam Grossi: Essa pesquisa foi no início dos anos 1980 e realizada *in loco*? Como era fazer pesquisa naquele momento? Se ia de carro, de ônibus ou a pé? Quais eram as condições concretas da pesquisa?

Maria Ignez Paulilo: Sim, foi no início dos anos 1980. Como Zuleika é daqui de Santa Catarina e é uma pessoa muito bem relacionada, ela conseguiu um carro, junto à EPAGRI e junto à própria universidade. Então nós tínhamos carro para fazer as entrevistas, para observar *in loco* tudo aquilo.

Miriam Grossi: E nesse momento tu começaste dando aulas de Sociologia Rural? Tu conseguiste integrar essas pesquisas também no ensino da graduação?

Maria Ignez Paulilo: Não. Já tinha na graduação a disciplina de Sociologia Rural com os professores Júlio Wiggers e Zuleika Mussi Lenzi. Então, não faltavam professores de rural naquela época. Na graduação tinha uma disciplina chamada *Epistemologia da Linguagem* e quem dava era o professor Arduino Ebling, mas ele adoeceu e eu assumi a

[3] PAULILO, Maria Ignez Paulilo. Mulheres Rurais. Quatro décadas de diálogo. 1. ed. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

disciplina porque eu tive muita filosofia no meu curso de graduação, que era bem longo. E eu assumi muito mais essa disciplina de Epistemologia do que Sociologia Rural.

Miriam Grossi: E tu ficaste durante muitos anos ministrando a disciplina de Epistemologia? Eu lembro que você ministrou também a disciplina de Metodologia de Pesquisa, não?

Maria Ignez Paulilo: Eu fiquei dando metodologia na graduação e na pós-graduação sem parar porque ninguém queria dar essa disciplina. Ninguém tinha interesse.

Miriam Grossi: E tu dizia então que nesse momento inicial o curso era muito parado, que os estudantes iam para a Universidade e voltavam para casa, que não tinha ainda laboratórios de pesquisa? Como é que foi a criação do seu núcleo de pesquisa?

Maria Ignez Paulilo: Foi muito posterior, foi através do CNPq que criou essa ideia de laboratórios. Até eu falei, *eu não vou chamar de laboratório*. Porque o laboratório para mim é outro tipo de ciência. Minha irmã, por exemplo, que é da biologia, tem um laboratório. Eu chamei de núcleo. Em 1998, foi criado o Núcleo de Pesquisa de Agricultura Familiar. A gente não foi muito a favor da criação do laboratório na época. A gente implicou com aquilo, pois era uma coisa meio de cima que vinha, a gente não queria fazer o laboratório. Eu acho que o CNPq teve peso, pelas exigências que ele fazia, para um estudante ser bolsista de iniciação científica, pois criou mais interesse dos estudantes pelo curso. Os estudantes ficaram muito mais aplicados, eles tinham mais preocupação com as avaliações, para poderem ter bolsa. Então isso, realmente, o CNPq conseguiu. Depois que eu fiz o núcleo, eu vi que eu estava errada.

Miriam Grossi: Você começou a dar aulas aqui em 1979. Tua filha já era nascida?

Maria Ignez Paulilo: Minha filha nasceu em janeiro de 1981 e eu fui para o doutorado em março do mesmo ano. Ela tinha 52 dias. Fiz o doutorado no Museu Nacional em Antropologia Social, na linha de pesquisa *Campesinato*, porque me impressionou muito em Campina Grande conhecer o pessoal de Antropologia formado no Museu. Entre eles, Gisele Potengy e Regina Novaes. E eu me encantei e então, em vez de fazer um doutorado em Sociologia, eu fiz em Antropologia. Felizmente eu fui aceita na seleção. Eu voltei em 1985 para a UFSC e a graduação era outra, o Departamento era outro, tinham entrado

professores novos, tinha uma dinâmica bem diferente. Isso aconteceu porque em 1982 saiu um novo plano de carreira para o magistério superior que valorizava as pós-graduações. Quando cheguei em 1979, havia professores que estavam fazendo mestrado há sete anos, sem licença nenhuma, continuavam dando aulas e por isso não acabavam, era uma eterna dissertação de Mestrado. Na minha volta estes professores começaram a ir para doutorado, também com apoio do CNPq e da CAPES que incentivaram que o pessoal terminasse o mestrado e tivesse interesse em fazer o doutorado. O departamento também começou a pressionar os professores a investirem na carreira.

Miriam Grossi: E como era fazer o doutorado com uma filha tão pequena?

Maria Ignez Paulilo: Foi muito difícil. Eu tinha empregada, mas não babá, depois fiquei só com faxineira. Ela foi para a escolinha, em tempo parcial, com sete ou nove meses, não lembro bem, mas foi muito difícil porque eu não tinha apoio da família no Rio de Janeiro, moravam todos em outros estados. Minha filha era muito pequena e eu não tinha experiência, era a minha primeira bebê. E aí eu me atrasei um pouco e quando eu cheguei aqui, em janeiro de 1985, ainda não tinha defendido a tese. Logo depois de ter chegado aqui, em fevereiro, eu fiquei viúva em um acidente trágico e levei mais dois anos para terminar a tese.

Miriam Grossi: Quando você voltou e defendeu a tese, começou uma outra etapa da vida aqui na UFSC. Você logo começou a orientar trabalhos?

Maria Ignez Paulilo: Demorei um pouco para conseguir a bolsa do CNPq. E também demorou um pouco a ter orientandos, porque naquela época os assuntos que estavam no auge do interesse dos estudantes eram os movimentos sociais e a ecologia, com a Ilse Scherer-Warren e o Eduardo Viola orientando muitos mestrandos. As dissertações ficaram tão concentradas nestas duas áreas a ponto de um relatório da CAPES apontar que o curso deveria diversificar suas áreas. Por isso demorou um pouco para eu ter orientandos. Eu sempre tive poucos orientandos, mas quem faz rural é muito convicto e termina as dissertações e teses. Às vezes a pessoa tem quinze orientandos, mas muitos não terminam ou demoram muito para defender. Às vezes o estudante chega, não sabe o que fazer e a coisa não sai. O rural é difícil para pesquisar, não é um bairro da cidade ou uma praia, por exemplo. Você tem a questão da mobilidade. Tive uma estudante que fez o trabalho de conclusão de curso

indo de bicicleta para o trabalho de campo no meio rural, esse tipo de situação. Ou tinha de pedir carona para a EPAGRI para ir fazer a pesquisa. Então Rural foi assim, o pessoal de Rural é convicto. Quando você faz um congresso de Rural aparece muito mais gente do que você pode imaginar.

Miriam Grossi: Conta um pouco sobre o momento que você começou a orientar. Você foi uma pessoa que orientou muitos estudantes da iniciação científica. Até muito recentemente eu lembro de encontrar seus orientandos na *Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão* (SEPEX) da UFSC.

Maria Ignez Paulilo: Ah eu sempre gostei da SEPEX, porque eu acho que é um jeito de você devolver um pouco para a sociedade que te sustenta o que você faz na universidade. Eu sempre fazia questão de participar da SEPEX e meus bolsistas também eram bem empolgados na participação.

Miriam Grossi: Tu falaste dos congressos, eu sempre lembro muito de ti nas reuniões da ANPOCS. Tu tiveste um papel importante na história da ANPOCS. Como era o nome do grupo que tu participavas? Como é que são as tuas lembranças desse campo? Você contou do grupo de Campina Grande. Vocês mantiveram uma rede que continua dialogando?

Maria Ignez Paulilo: Na ANPOCS tinha um grupo de sociologia rural, capitaneado pelo pessoal do Rio de Janeiro, do CPDA que é o *Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade* da UFRJ. Mas na ANPOCS eu ia muito também no grupo das feministas. É impressionante quando o grupo da Paraíba se encontra, nós voltamos a 1978! Tem uma aliança muito forte entre a gente, até hoje, da lembrança desse trabalho de Campina Grande que foi muito intenso. Eu saí primeiro. Depois mudou o reitor, as pessoas foram saindo para o Rio de Janeiro, Paola Cappellin, Gian Mário Giuliani, Gisélia Potengy, Regina Novaes e o José Roberto Novaes. Eles foram para o Rio de Janeiro, mas Campina Grande continuou forte por muito tempo, resistindo como um lugar muito crítico de Sociologia Rural.

Miriam Grossi: Tu tens um trabalho que é uma referência muito importante para a teoria feminista e para a questão do trabalho e a Sociologia Rural, que é *O peso do trabalho leve*, que escolhemos como título dessa entrevista. Você poderia nos contar a história deste artigo e deste conceito que você elaborou?

Maria Ignez Paulilo: Eu escrevi um artigo, meio sem pé nem cabeça, e ninguém aceitava. Então eu mandei para a revista *Ciência Hoje*. E quem foi o parecerista foi meu ex-orientador de mestrado, Albertino Rodrigues, que aceitou, mas pediu muita modificação. E ele assinou o parecer, que não precisava ser assinado, mas ele fez questão de assinar. Enquanto eu lia, eu ouvia a voz dele falando: *faz isso, faz aquilo e aquilo*. O artigo ia e voltava, ia e voltava. No fim, eu não queria mais publicar, pois estava muito cansativo, mas ele falou assim, *um pouco mais de paciência da sua parte*... E aí eu acabei fazendo as mudanças, com ele orientando, e virou o que virou: uma marcha de carnaval! Quer dizer, todo mundo conhece esse trabalho, virou cultura popular, graças à paciência do Albertino e da revista *Ciência Hoje*. Uma vez eu tive um ataque de riso, eu tinha me aposentado há pouco tempo e recebi uma demanda do Ministério do Trabalho perguntando se moralmente eu permitia que eles publicassem o artigo e eu tive um ataque de riso, sozinha. O artigo já não tem dono. Uma estudante pediu para a filha digitá-lo e colocá-lo na internet, quando isso ainda não era muito comum.

Miriam Grossi: Sim, agora ele é de domínio público. Podes nos explicar o importante argumento que desenvolves nele?

Maria Ignez Paulilo: O título é *O peso do trabalho leve* porque todo mundo fala que a mulher ganha menos porque faz um *trabalho leve*. Então eu mostrei como o *trabalho leve* era pesado, cansativo, nocivo para a saúde, um bocado de coisas. Tanto que, em algumas regiões, o *trabalho leve* da mulher era diferente do *trabalho leve* em outras regiões onde a mesma atividade era considerada pesada e eram os homens que a faziam. Então ficou o título *o peso do trabalho leve*, o título colou e ficou no domínio público.

Miriam Grossi: É uma referência superimportante para o campo da teoria feminista sobre a divisão sexual do trabalho. Tu também fizeste uma pesquisa que se tornou referência sobre a fumicultura. Conta um pouco mais sobre esta pesquisa? Foi feita aqui na região Sul?

Maria Ignez Paulilo: Eu fiz primeiro uma pesquisa com a Zuleika Lenzi, mostrando a integração de aves e suínos no oeste de Santa Catarina. Essa pesquisa nunca foi publicada, ficou apenas como um relatório de pesquisa. Depois eu fiz a minha pesquisa de doutorado aqui no Sul. E foi aí que eu fui estudar fumicultura. No começo eu ia estudar só suínos e aves, mas quando eu vi a importância da fumicultura no Sul,

me impressionei muito. Por isso estudei a fumicultura também e foi lá que pareceu com mais nitidez para mim o que eu já tinha visto em outras regiões, o *peso do trabalho leve*. Ave Maria! O que as mulheres fazem na fumicultura não é brincadeira. A fumicultura era cheia de agrotóxico. É terrível. Além disso, elas cuidavam da casa, dos filhos, etc. Quando fazíamos pesquisa, elas pediam desculpas porque *a casa estava desarrumada*. Na época do fumo, ninguém arruma a casa, ninguém faz nada, porque não dá tempo. A família toda trabalha, o que geralmente só o homem faz e, às vezes, se contrata um empregado para fazer, é passar o anti-brotante no fumo, algo extremamente nocivo à saúde. Há uma roupa especial como a de um astronauta para passá-lo, mas muitos não aguentam usá-la por causa do calor. Outra atividade que os homens fazem é cuidarem da estufa a noite toda para o fogo não baixar. No tempo da colheita do fumo, tinha gente que vomitava muito, dava muita ânsia, muita dor de cabeça, muito mal-estar por causa dos agrotóxicos. E quem colhia as folhas eram os filhos, mas não as crianças muito pequenas, porque não distinguiam bem as que já estavam prontas para serem apanhadas. Eram os adolescentes que colhiam porque, para retirarem as folhas mais baixas, precisavam fazer isso agachados, os adultos não aguentavam muito tempo nessa posição. Não tinha diferença nenhuma entre homem, mulher, os adolescentes... Iam todos. Primeiro vinham os filhos de um agricultor ajudar em uma propriedade e depois os ajudados retribuíam o favor. Eu sei que a colheita era terrível também, a folha solta um líquido preto que gruda na gente e na roupa. Eu ajudei a colher, sei bem! As crianças menores faziam os molhos de folhas (bonecas) para serem colocados na tecedeira.

Miriam Grossi: Você trabalhou também durante bastante tempo com o movimento das mulheres agricultoras aqui em Santa Catarina? Como foi esta pesquisa?

Maria Ignez Paulilo: Eu segui as mulheres porque eu estudava as mulheres rurais e elas foram ficando cada vez mais politizadas, em movimento... E eu fui seguindo, seguindo o ator. E aí elas me chamavam para dar palestra, para falar sobre mulher. Elas foram me chamando e foi se criando uma intimidade entre nós. Então eu fiquei muito junto com esse grupo que formou o Movimento de Mulheres Camponesas, o MMC, grupo que era muito forte no Oeste, no qual a Luci Choinacki, que foi deputada estadual e federal, era uma liderança.

Miriam Grossi: Você lembra de alguma situação mais particular na participação em reuniões e congressos desse movimento? Como é que foi

esse momento e quem eram as lideranças? E quais eram as lutas delas? A primeira luta foi pela aposentadoria da mulher rural?

Maria Ignez Paulilo: Os direitos trabalhistas foram a primeira bandeira. A Luci (Teresinha Choinacki), contou de um jeito engraçadíssimo, que quando elas conseguiram a licença maternidade, 3.000 mulheres cercaram o congresso. E quando era para ser votada a lei, elas agarraram os deputados pela manga, pelo paletó... E as mulheres me contaram também que fizeram um *forrobodó* lá na frente do Congresso. Sei que conseguiram a licença maternidade, porque apesar de ser um direito que estava escrito na Constituição de 1988, ela só foi regularizada em 1992. Quer dizer, não estava regularizada até então. Eu achava que o movimento ia acabar quando as mulheres conseguiram os direitos previdenciários. Mas o movimento das mulheres tem uma coisa interessante, ele fica quieto um pouco e, de repente, explode. Você chama as mulheres para pedir educação e saúde, elas vêm todas fazer barulho no centro da cidade. É impressionante como o movimento revive, porque ele não é hierarquizado como um sindicato. É um movimento diferente. As mulheres, por exemplo, quando elas têm filhos pequenos e não podem ir às manifestações, o Movimento entende a necessidade delas ficarem em casa. Não é aquela pressão para você ir, que *você tem que fazer*. Quando menos se espera, o movimento ressurge com força.

Miriam Grossi: Você chegou aqui nos anos 1970, veio de Campina Grande em plena ditadura militar. O grupo de professores de Campina Grande era uma referência de resistência à ditadura militar. Como é que você viveu esse período de final da ditadura militar, início da redemocratização aqui na UFSC? Como é que era essa questão política localmente?

Maria Ignez Paulilo: Custei um pouco a entender como é que a coisa funcionava em Florianópolis. Não havia, por exemplo, tanta atividade e resistência como eu via em Campina Grande. Lá os estudantes *ferviam* com shows de música, teatro, criavam muita coisa. Aqui havia professores que tinham apoiado e continuavam apoiando a ditadura, ao lado de outros que protestavam contra ela. Não era muito fácil conviver, pois ainda não tinha acontecido a redemocratização.

Interessante foi a vinda do [presidente] Figueiredo, pois aí apareceu uma coisa que eu não via, que foi o movimento dos estudantes. Quando o Figueiredo veio à Florianópolis, os estudantes foram à praça e o

desafiaram. Os estudantes foram presos e foi muito difícil. Inclusive teve uma passeata na qual eu estava. Nós fomos protestar para soltar os nossos estudantes presos. Nessa passeata foi assim: ficamos na frente da Catedral e as tropas de choque, que eram homens enormes armados, fardados e equipados, até com escudo no peito e viseira no rosto. Eles vieram, descendo marchando, e nos cercaram. E eu me lembro que todo mundo correu e eu corri para porta da Igreja, porque no interior de São Paulo, quando eu participava de passeatas, os padres sempre abriam as portas, mas aqui não abriram. Dei de cara na porta da Igreja. A consequência foi ficar com a polícia nas costas, realmente. Quando eu entendi que era para correr pela escadinha do lado da Igreja, todo mundo já tinha passado, só havia policiais à minha volta e no final da escada. Eu podia me jogar de lá de cima e cair nas mãos dos policiais. Eu sei que eu fechei os olhos e passei, até hoje não sei como... correndo... Eu lembro que uma pessoa falou *pode parar de correr que você já está longe*.

Depois eu soube que havia uma ordem para não usarem violência naquela passeata, porque o Figueiredo desagradou muito os catarinenses, falou que não ia dar um dinheiro que Santa Catarina esperava. Trouxe uma imagem de Floriano Peixoto para Florianópolis, sendo que foi durante a gestão do Floriano Peixoto que houve aquele massacre, aquele fuzilamento, na Ilha de Anhatomirim. E mataram tanta gente, que muitos catarinenses se recusam a escrever o nome *Florianópolis*, escrevem *Ilha do Desterro* que era o primeiro nome antes de ser Florianópolis, em homenagem justamente a Floriano. Neste dia eu vi a revolta estudantil!

Miriam Grossi: Ontem mesmo se falou no Conselho Universitário da UFSC sobre essa data do mês de novembro, dia 30 de novembro de 1979, a famosa *Novembrada*. Uma outra questão, que várias colegas compartilharam conosco nesta pesquisa, foi sobre a questão da maternidade. Tu tiveste esse desafio de fazer o doutorado com sua filha pequena, depois tu ficaste viúva... Como foi a tua experiência de maternidade em relação à sua carreira? A tua experiência da maternidade sendo feminista? Qual é a tua reflexão posterior, agora já aposentada, sobre as dificuldades ou não vantagens da maternidade em relação à carreira nas Ciências Sociais?

Maria Ignez Paulilo: Olha, não tem solução, porque quem cuida das crianças são as mulheres. Até teve uma pesquisa do CNPq, apresentada em um dos congressos da ANPOCS, em que se mostrava que as mulheres

levavam dez anos ou mais que os homens para atingir determinados níveis na carreira acadêmica. Até você conseguir ser, por exemplo, uma bolsista sênior no CNPq, as mulheres levavam, em média, dez anos a mais que os homens.

Miriam Grossi: Você falou da EPAGRI, deste trabalho interdisciplinar grande que tiveste com eles. Eu sei que você era muito chamada para atuar no curso de agronomia, na zona rural, em atividades da Epagri. Você teve uma articulação muito grande com o extensionismo rural, não?

Maria Ignez Paulilo: Não com o extensionismo propriamente dito, mas com o pessoal da Agronomia que era mais ligado com a cultura da pequena produção. Eu fui convidada muitas vezes para falar e conversar com eles. Eu tive uma ligação muito forte com a Agronomia. Dei aula para estudantes da pós-graduação, vinham muitos estudantes da Agronomia fazer os meus cursos. Muitos com anos de experiência como extensionistas. Era impressionante, aqueles homens, vários de meia idade, fazendo mestrado, a sala ficava cheia e diferente. Quando cheguei aqui, a professora Zuleika Lenzi já dialogava com a EPAGRI, continuei depois que ela saiu do Departamento.

Laura Esteves: A senhora falou do Oeste Catarinense, mas gostaria de falar do Sul catarinense pois eu sou de São Joaquim, uma zona muito rural, a nossa economia é baseada na agricultura e na pecuária. Eu gostaria de saber se a senhora estudou alguma coisa mais específica sobre a Serra?

Maria Ignez Paulilo: Eu lembro de um pesquisador que estudou sobre a maçã, por exemplo, como foi introduzida essa cultura na região de São Joaquim. Eu me lembro de nós discutirmos muito sobre isso, sobre como a história era contada como se tudo tivesse acontecido de forma espontânea. Então, esse estudante fez uma tese demonstrando que não foi algo espontâneo, como se as pessoas tivessem começado a plantar e as macieiras fossem se multiplicando exponencialmente. Foi, na verdade, um pacote tecnológico implantado na região e bastante financiado. Houve muita coisa não dita, como o uso de áreas de floresta para o plantio.

Suzana Vergara: Quando você trouxe essa questão das mulheres você encontrou algum percalço?

Miriam Grossi: Por exemplo, houve algum rechaço de sua posição feminista no Departamento de Ciências Sociais ou em outra instância acadêmica?

Maria Ignez Paulilo: A sorte foi que tinha Zuleika Lenzi, que era antiga no departamento e que era daqui, de Santa Catarina. Ela era uma pessoa muito dinâmica e foi, inclusive, vereadora. Foi ela que iniciou o pessoal da EPAGRI no trabalho com as mulheres e eles têm muito respeito por ela por causa desta inserção. Dizem que nem ela sabe o quanto foi importante para a EPAGRI.

Em relação ao feminismo houve problemas, sim. Por exemplo, na hora da defesa da tese de uma orientanda minha, um dos membros da banca perguntou se não achávamos que gênero era uma questão secundária, e isso na avaliação de um trabalho que abordava o Movimento de Mulheres Camponesas. E outra vez, houve um comentário em uma banca de dissertação que estudava as mulheres que plantavam orgânicos para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), no qual o governo comprava alimentos orgânicos para servir de merenda nas escolas. E aí um membro da banca, se referindo às mulheres rurais que eram o foco do trabalho, que estavam plantando orgânicos, falou assim: *essas mulheres ignorantes*, e isso em relação a este fator importante da ecologia que se fala hoje, que a gente come veneno. Aquela fala foi um choque, assim elétrico, na plateia. Então, é barra, sim, trabalhar sobre mulheres rurais.

Miriam Grossi: Como é que tu vês hoje tua contribuição para o campo das políticas públicas para as mulheres rurais?

Maria Ignez Paulilo: Eles me chamavam para dar Assessoria, foi um trabalho muito importante feito pelo Núcleo de Estudos Agrários e de Desenvolvimento Rural (NEAD) pertencente ao Ministério do Desenvolvimento Agrário. Havia um grupo dedicado especialmente às agricultoras do país. As pesquisadoras do rural brasileiro iam lá para dar uma assessoria sobre como falar com as mulheres e contar como eram as regiões que as técnicas de Brasília desconheciam. Houve muita política pública para as mulheres rurais, que foram feitas naquela época, na época do NEAD. Um exemplo foi o PRONAF-Mulher. Era uma política de financiamento para mulheres rurais que envolviam toda uma questão da independência das mulheres, de elas terem controle sobre suas atividades e suas rendas, inclusive a independência de poder ir ao banco sem o marido ter de ir junto.

Miriam Grossi: Tem alguma coisa que você gostaria de nos contar para finalizar?

Maria Ignez Paulilo: Eu só sinto que depois que eu saí do Departamento, o Núcleo de Estudos sobre a Agricultura Familiar acabou. Acho que os estudos ficaram agora só com o pessoal da Agronomia e da Educação do Campo, sendo que Santa Catarina ainda é um estado agrícola. E o agronegócio é *must*, está na televisão, *agro é pop*, *agro é Globo*... Penso que é importante discutirmos um pouco o que é esse *Agro*? O que é o outro lado disso, que é o desmatamento, a exploração e a expulsão de populações nativas e tradicionais, a perseguição de lideranças... Quando eu fiz o meu pós-doutorado na Inglaterra, eu li o trabalho de um professor que falava sobre a impressão que se tem sobre as pessoas que estudam o rural de que são *atrasadas*, que não estariam discutindo as últimas correntes teóricas e políticas e as mudanças atuais. É esta a imagem muito forte que se tem dos estudiosos do rural, derivada da ênfase que se dá ao urbano em termos de desenvolvimento tanto econômico-social como das ideias.

Miriam Grossi: É uma pena mesmo. Foi um prazer te rever e podermos te escutar e conhecer mais sobre esta tua super contribuição para história das Ciências Sociais. Muito obrigada.

Realização

Recebido em: 05/12/2024

Aprovado em: 05/08/2025